



Deslocamentos como “imperativos da sobrevivência” em *O engate*, de Nadine Gordimer

Displacements as “survival imperatives” in *The Pickup*, by Nadine Gordimer

Lilian Reichert Coelho

Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, Bahia / Brasil

lilian.reichert@cpf.ufsb.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura do romance *O engate*, da escritora sul-africana Nadine Gordimer, a partir da indagação sobre as (im)possibilidades de deslocamento por sujeitos diferentemente situados no mundo contemporâneo. O problema da pesquisa residuiu no questionamento sobre quais relações os sujeitos estabelecem entre si e com os espaços no contexto do fenômeno denominado globalização, mais especificamente em África. Como balizas teóricas, foram acionados autores com posicionamentos epistemológicos nem sempre convergentes, mas que se debruçam sobre o cenário contemporâneo, a exemplo de Mbembe e Bauman. Metodologicamente, utilizou-se a análise crítica. Como resultados, tem-se que a ordem globalizante impõe restrições ao deslocamento de determinados sujeitos enquanto concede a outros a livre circulação, a despeito do discurso celebrativo sobre o apagamento das diferenças.

Palavras-chave: literatura contemporânea em língua inglesa; África do Sul; deslocamentos; globalização; Nadine Gordimer.

Abstract: This article presents a reading of the novel *The Pickup*, by the South African writer Nadine Gordimer, questioning the (im)possibilities of displacement by different kinds of people in contemporary world. The fundamental problem is centered on which relations the people set among themselves and among spaces in the context of globalization. The theoretical background draws on authors with highly divergent epistemological positions which try to understand the contemporary scene, such as Mbembe and Bauman. Critical analysis was employed in the methodology. The results

revealed that the globalized order imposes restrictions to certain peoples displacements while grants others the freedom to circulate, despite the much celebrated discourse on the end of differences.

Keywords: contemporary literature in English; South Africa; displacements; globalization; Nadine Gordimer.

Em inglês eles dizem “relocate”. O casal está “relocating”. Se alguém ouvisse isso – será que eles sabem do que estão falando? Quando em dúvida, vá ao dicionário. [...] Descobrir e demarcar a si próprio, seria esse o significado secreto de “relocation” ao ser formulado pela língua e pela boca, em substituição a “imigração”? “Relocate” dizem eles.¹

Fiz questão de abrir o texto pela epígrafe acima para sublinhar a diferença linguística entre o português e o inglês em relação às diferentes acepções que a palavra *deslocamento* pode assumir. Nas abordagens sobre o tema, em geral, distingue-se entre o deslocamento físico, geográfico, a mudança de lugar, voluntária ou forçada, e o deslocamento atinente à inquietação ou insegurança, a um sentimento de desconforto, ou seja, a algo da ordem do psicológico, do emocional e mesmo do social. Há algumas traduções do primeiro uso pelo termo *deslocação*, a fim de diferenciar os dois significados, o que pode ser prático, mas abomino pela deselegância.

Assim, aqui, utilizo o termo *deslocamento* para todos os significados, embora tenha noção da importância de se especificar, pois o tema abordado pela escritora Nadine Gordimer no romance *O engate* não se restringe à questão linguística ou de tradução, mas está no cerne do problema que move seu projeto estético e político, nesta e em outras narrativas.

Não é fácil esquecer que o livro foi publicado em 2001, portanto, no ano do “ataque às Torres Gêmeas” do World Trade Center, em Nova York, Estados Unidos, país de destino de Abdu-Ibrahim após ter sido deportado de vários outros. E também, a partir daí, a paranoia dos países ricos com segurança, as migrações individuais ou em massa, adquirem contornos expressivos. O capitalismo, em sua fase mais flexível globalizada, desterritorializada, delineia tempos ainda mais terríveis para alta parcela da população mundial que, ainda assim, em muitos casos,

¹ GORDIMER. *O engate*, p. 57-58.

dobra-se ao seu poder encantatório. Nesse contexto, diversos escritores e artistas se deparam, não sem urgência, com a necessidade de refletir sobre o trânsito de sujeitos diferentes na ordem global em seu desenho contemporâneo, pois interações têm sido uma das marcas fundamentais da modernidade desde seus inícios, e em África tais relações mantiveram sempre suas idiossincrasias num sistema altamente complexo, conforme destacado por Achille Mbembe.²

O deslocamento é tema privilegiado na ficção contemporânea com um traço diferencial em relação à produção literária que a antecedeu, pois muito do foco recai sobre o transnacional, em estreito diálogo com a tradição e também com as reflexões acadêmicas e políticas sobre a questão, a englobar as diferenças não apenas semânticas, mas também conceituais e identitárias, que permite a distinção de *status* entre imigrantes, refugiados, asilados políticos, apátridas e turistas.

Disso se depreende que há todo um espectro complexo no temário do deslocamento, a abranger tanto a viagem, a passagem, a errância, o nomadismo, a migração voluntária quanto deslocamentos forçados de sujeitos em geral expulsos e indesejados. Isso é relevante porque o deslocamento muitas vezes se esgarça na duração, tornando-se até perene na trajetória de vida de determinados sujeitos, forçando a problematização da ideia de cidadania nas perspectivas das políticas interna e externa, da filosofia, da antropologia e das artes. Sobre as especificidades do contexto africano pós-colonial, Mbembe aduz que:

Pelo facto de assentarem maioritariamente nos valores da itinerância em oposição aos do sedentarismo, as novas dinâmicas de aquisição dos proveitos suscitaram uma alteração profunda das figuras da procedência. A violência social tende a cristalizar-se em torno de questões tornadas cruciais como a constituição das identidades, as modalidades da cidadania, a gestão da mobilidade das pessoas, a circulação e a captação dos recursos flutuantes.³

Em *O engate*, Gordimer expõe as aporias da configuração instável das fronteiras e dos limites da cidadania, além dos impactos multilaterais da colonização europeia em África. Grosso modo, desnuda as formas de (i)mobilidade humana a partir de paralelos e de oposições estruturais

² Cf. MBEMBE. *Sair da grande noite*.

³ MBEMBE. *Sair da grande noite*, p. 152-153.

na narrativa, como já referido por Ogawa⁴ e outros. Mas o que quer essa literatura? Talvez confrontar mundos e personagens díspares, paradoxalmente contíguos. Colocar no espelho, como pares antitéticos muito bem definidos, os polos que encarnam problemas de África após as instalações das repúblicas no processo pós-colonial, evidenciando (o) posições hierárquicas remanescentes da opressão.

Nenhum personagem do romance de Gordimer consegue atravessar as barreiras identitárias (de raça, gênero e classe), permanecendo tudo como sempre esteve, exceto pela personagem central, Julie Summers. Embora coerentes, não acredito que as leituras marxianas, com as quais me defrontei ao realizar o levantamento da fortuna crítica sobre o romance em apreço, consigam de fato abarcar plenamente as nuances do romance, por reproduzirem, ainda que com lucidez, o que a escritora tenta, justamente, pôr em causa sem propor uma resposta definitiva, restando um nó teórico e político, além das ambiguidades literárias, esmerando-se também para não resvalar no ensaísmo.

“Como construir na linguagem um lugar em que o outro possa falar?”⁵ Renato Cordeiro Gomes incita a questão que também fundamenta este texto, pois o silêncio e a incomunicabilidade entre mundos opostos, mas em coexistência, enformam a história de amor no romance *O engate*, de Gordimer, marcado pelo que Martins denomina “excesso de diferença”.⁶

Não se trata do silêncio pela impossibilidade física ou psicológica de falar, que se inscreve profundamente em boa parte da produção literária de escritores africanos em tempos pós-coloniais por caminhos os mais variados. Trata-se da incomunicabilidade mesmo no diálogo travado entre personagens de mundos que não se intersectam pelas palavras, em razão de visões antagônicas da realidade global e suas demandas econômicas, culturais e identitárias. A interdição ao diálogo não se origina, portanto, da privação física nem da coerção externa, mas do desajuste entre sujeitos conviventes cujas palavras, atitudes e pensamentos não partilham campos semânticos e políticos. E, quem é esse “outro” que precisa falar? Em que medida falar e, conseqüentemente, escrever, além de se deslocar são verbos a se conjugar no romance de Gordimer?

⁴ Cf. OGAWA. *Citizens of nowhere?*.

⁵ GOMES. Cosmopolitismos, nacionalismos, lugares e não-lugares na cultura contemporânea, p. 111.

⁶ MARTINS. *Onde fica o meu país?*, p. 191.

Grosso modo, observa-se que a produção literária africana da atualidade caracteriza-se pelo apelo às reminiscências,⁷ às vocalidades antes violentamente silenciadas textualizadas em diálogo com a língua do colonizador,⁸ à recorrência ao onírico.⁹ Outros elementos também estão presentes na produção literária em prosa e na poesia africana, mas creio que esses se destacam. Em *O engate*, cuja narrativa é situada na África do Sul pós-*apartheid*, não há diálogo com o passado, seja pela lembrança, seja pela metaficção historiográfica, apenas a certeza de sua impressão na forma instável do presente, com todas as contradições inerentes ao processo e à força avassaladora do que se convencionou chamar de globalização, processo que produz sujeitos estranhos, aprisionados à generalização e aos estereótipos. Conforme sinalizou Bauman, no limiar do século XXI,

O outro – lançado numa condição de forçada estranheza, guardada e cultivada pelas fronteiras espaciais estritamente vigiadas, mantido a distância e impedido de ter um acesso comunicativo regular ou esporádico – é além disso mantido na categoria de estranho, efetivamente despojado da singularidade individual, pessoal, a única coisa que poderia impedir a estereotipagem e assim contrabalançar ou mitigar o impacto subjugador da lei – também da lei criminal.¹⁰

Uma leitura apressada reivindicaria que o enredo de *O engate* poderia transcorrer em qualquer metrópole contemporânea. Há pouquíssimas descrições de Joanesburgo na narrativa, mas, sob o evidente cosmopolitismo dessa capital, jazem os problemas que Gordimer identifica na África do Sul pós-*apartheid* e na sua relação com o próprio continente. E justamente nisso reside uma das forças motrizes do romance, pois há um deslocamento evidente na oposição centro-periferia em *O engate*. Joanesburgo não é uma metrópole europeia ou do Norte, embora a construção da narrativa de Gordimer permita compreendê-la numa certa relação isotópica com as metrópoles globalizadas, ainda mais se considerada a perspectiva do personagem Abdu-Ibrahim. Por outro

⁷ PADILHA. *Um trânsito por fronteiras*, p. 71.

⁸ Cf. LEITE. *Cenografias pós-coloniais nas literaturas africanas*, p. 70.

⁹ Cf. CARBONIERI. *A compensação da imobilidade em Nuruddin Farah*.

¹⁰ BAUMAN. *Globalização: as consequências humanas*, p. 115-116.

lado e ao mesmo tempo, é África. Isso não se pode esquecer. Então, é também heterotopia.

Assim, na dinâmica impressa por Gordimer, interessa, sim, que se identifique a capital da África do Sul, mas, ao mesmo tempo, trata-se de situá-la no contexto regional pós-*apartheid* da sociedade globalizada, talvez até sobrelevando-a a capital do continente africano, em movimento de transnacionalização. Sobre isso, concordo com Martins, para quem

Gordimer incentiva a criação de sentidos alternativos às tradicionais trocas entre Norte e Sul e a definição de rotas periféricas entre pontos situados no Sul cultural. Com o desvio de foco, antes centrado sobre o espaço nacional, agora lançado sobre o universo transnacional, permitido pelo enredo de *O engate*, Gordimer parece experimentar estas novas alianças e estender as mãos, assim como Julie, para um mundo de alteridade.¹¹

Julie Summers, protagonista do romance, é uma mulher branca, relações públicas, promotora de eventos, descendente de colonizadores europeus, filha de um capitalista, pais divorciados, bem-educada, o protótipo da “cidadã do mundo”. Aqui discordo de boa parte das asserções da fortuna crítica publicada sobre *O engate*, pois Julie Summers parece certa sobre quem é, não constitui um sujeito em busca de identidade. Talvez de alguma estabilidade ante um mundo instável demais. Todo o intervalo narrado no romance, com duração de aproximadamente um ano e cinco meses, é marcado pela negação dos aspectos identitários herdados. Eles a incomodam por serem antagonísticos em relação a suas convicções políticas e aspirações afetivas.

Apesar de sua posição, Julie não está confortável no mundo, sente-se deslocada, incomodada, mas não está “em busca”. Ela é o sujeito econômica e culturalmente globalizado, que pode transitar livremente por qualquer lugar e exercer sua liberdade. Nesse sentido, a personagem corresponde ao paradigma do turista, tal como formulado por Bauman em sua crítica às “consequências humanas da globalização”. O mundo a espreme pelo excesso, concentrando-a num “presente perpétuo”,¹² típico modo de existir daqueles cuja mobilidade está não apenas garantida, mas lhes é exigida como sujeitos “globalmente móveis”.

¹¹ MARTINS. *Onde fica o meu país?*, p. 216.

¹² Cf. BAUMAN. *Globalização: as consequências humanas*.

Na estrutura binária nada didática de *O engate*, opõe-se a Julie Summers o personagem de Abdu-Ibrahim, um imigrante ilegal também africano, talvez negro, talvez indiano, declaradamente muçulmano, engenheiro graduado em seu país, mas mecânico de autos amador em Joanesburgo, por quem ela se apaixona. Ao contrário de Julie, ele corresponde ao refugio humano dos processos globalizadores, os *sans-papiers* que todos os países ricos rejeitam. Abdu é o nome pelo qual responde na África do Sul, onde vive ilegalmente. O nome verdadeiro, Ibrahim-ibn-Musa – revelado apenas na segunda parte da narrativa –, no contexto da capital em processo desenfreado de globalização, é vedado, pois revela demasiadamente suas origens e também pode provocar a extradição imediata, pois os papéis estão vencidos.

Com isso, aliado ao fato de que Abdu quase nunca fala na primeira parte da narrativa, Gordimer assinala que o nome e a opinião de alguns sujeitos pouco interessam, a não ser às autoridades competentes, pois Abdu é um ninguém que sequer domina o inglês.

Sete da manhã ele está na oficina, no disfarce duro de graxa de seu macacão. Ou será que quando se despe dele, perna por perna, à noite, deixa sua única identidade, aqui, e entra num disfarce, o Abdu ninguém – ele não pode se perguntar isso, tais perguntas são luxos que não tem como bancar.¹³

O engate é uma narrativa dividida em duas partes não nomeadas. A primeira narra a aproximação entre Julie e Abdu e termina com os preparativos para a mudança do casal ao país de origem dele, pois fora finalmente localizado (denunciado, como se entrevê da narrativa), mesmo após todos os esforços da namorada nativa. A segunda parte do romance concentra-se no tempo do “enquanto isso” (expressão reiteradamente utilizada pela instância narradora) que o casal deve passar no país africano de cultura árabe e religião muçulmana sem nome, até que Abdu consiga vistos de entrada para os dois em um país idealizado de “primeiro mundo”, onde as coisas realmente acontecem de acordo com a ideologia do mundo globalizado ao qual ele quer pertencer.

Na primeira parte do romance, Abdu é o amante de Julie, o exótico imigrante ilegal que a narração onisciente, em certos momentos, faz pensar ser mero passatempo para a mulher branca, rica, “do lugar”. A existência de Abdu em Joanesburgo está relegada à parte inferior dos

¹³ GORDIMER. *O engate*, p. 39.

carros que conserta na oficina de propriedade de um “nativo” branco. Ele não pode circular livremente nem “relocate”, isto é, mudar-se para qualquer outro país por livre iniciativa. Já estivera na Inglaterra e na Alemanha, de onde fora expulso. Na África do Sul, quem sabe, pudesse passar despercebido, pois é negro, como a maioria da população.

Na imobilidade que lhe é imposta e que ele teima em tentar transgredir pelo horror que sente por seu país de origem, em reiteradas tentativas de entrar e permanecer em diferentes países onde não é bem-vindo, configura-se um sujeito subalternizado e, apenas enquanto tal, tolerável, tanto pelo patrão sul-africano quanto pelo pai de Julie e pelos convivas do almoço de domingo na mansão dos Summers. São justamente esses que Abdu admira, os que venceram, os que têm sucesso, conforme prescreve o ideário capitalista globalizante que o imigrante replica. E também algum desses deve tê-lo denunciado para que deixasse logo, e de uma vez por todas, o lugar ao qual não pertence e a mulher que não lhe cabe.

Nesse sentido, é possível afirmar com segurança que, na visão de Gordimer,

Musa é vítima de uma forma especial de imperialismo. A colonização, mesmo já tendo findado em seu país, deixou sequelas fortemente enraizadas em seu imaginário. Por causa da colonização, Musa tornou-se um ser cuja capacidade de resistir à dominação se transformou em desejo de realizar a vontade do dominador.¹⁴

Sob tal aspecto, a personagem de Abdu age apenas para reforçar o sistema que o exclui e o subjuga. A decisão de Julie de comprar duas passagens para o país dele e acompanhá-lo é malvista por Abdu, como fora atirar-lhe à face sua condição de refugio, acentuada pela expulsão compulsória, e a condição dela de turista. Na dinâmica da incomunicabilidade que trespassa toda a narrativa, nada nas palavras ou nas atitudes de Julie é compreendido positivamente por Abdu. Ele a olha, mas não a vê senão como aquela que lhe é em tudo oposta

¹⁴ “Musa est victime d’une forme toute particulière d’impérialisme. La colonisation qui a pris fin dans son pays a laissé des séquelles fortement enracinées dans son imaginaire. À cause de la colonisation, Musa est devenu un être dont la capacité de résister à la domination du groupe dominant s’est transformée en désir d’accomplir la volonté du dominateur.” (LOUKSON. *Représentation et migration dans The Pickup de Nadine Gordimer*, p. 36, tradução minha).

e hierarquicamente superior na ordem global do mundo. Para ele, acompanhá-lo no retorno forçado ao seu país de origem é humilhá-lo ainda mais. No entanto, há uma vantagem: a companhia de Julie pode servir para que alcance seu único objetivo: emigrar novamente.

Este país que o reivindica pelo nascimento, pelas feições e pela cor, pela língua, e a Fé que teve que afirmar nos formulários, embora não saiba se o filho ainda tem a Crença da mãe – este país ocupa o lugar de destaque entre aqueles de onde saem imigrantes indesejáveis. Ela, sua mulher estrangeira, era o tipo certo de estrangeiro. Alguém que pertencia a uma categoria internacionalmente aceitável de origem.¹⁵

Abdu reproduz as “geografias imaginativas dominantes”¹⁶ tanto do seu lugar de “origem” quanto dos lugares para onde pretende ir. Seu único objetivo é vencer, ter dinheiro e sucesso, deixar de ser quem é pela identidade de nascimento, herança maldita do acaso. Na terra de Abdu, ele e Julie distanciam-se, o que evidencia o paralelismo das personagens, não apenas dos diferentes “mundos” que representam de modo estático. Julie, aberta às novas experiências, prova não ser a turista que pode a qualquer momento entediá-la e retornar, embora a abertura final no romance permita tudo. Abdu permanece firme em seu desejo de partir o mais rápido possível para um lugar onde as coisas aconteçam e o atraso finalmente termine.

Quanto mais polarizadas as personagens, mais parecem intransponíveis as barreiras que nublam a possibilidade de comunicação. Mas isso não está decretado, pois o mesmo não ocorre entre Julie e as mulheres da família estendida de Abdu, que gradativamente se afinam e se reconhecem a despeito das diferenças e até em razão delas.

Importa notar que a explicitação do posicionamento político-ideológico da escritora perpassa todo o romance, mas sem o discurso em apêndice, artificial. Os comentários são enxertados naturalmente na própria construção narrativa e nas falas das personagens em sua relação com os espaços. A crítica que a escritora empreende ao multiculturalismo se autoevidencia, sem sobrelevar-se à estética e ao material narrado.

¹⁵ GORDIMER. *O engate*, p. 153.

¹⁶ MASSEY. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade, p. 250.

O romance termina com a abertura para o futuro, a rigor, para o nada, pois, ao conseguir o almejado visto para os Estados Unidos e após Julie decidir não acompanhá-lo, permanecendo no país dele, com a família dele, paira a questão, interposta pela cunhada abandonada pelo marido: quem sabe, um dia, ele volta? A pergunta que fecha-abre o romance está territorializada no limite/fronteira¹⁷ entre a pequena aldeia e o deserto, tão atrativo para Julie, assinalando a contingência positiva da vida mesmo num lugar tão precário, que mais parece enterrado num tempo eterno em que nada acontece, pois não é afeito às demandas urgentes das sociedades globais.

Com o fascínio de Julie pelo deserto, Gordimer ressalta um aspecto antropológico, a ultrapassar qualquer clichê que poderia advir da interposição da imagem do deserto: a “eventualidade do lugar”, que significa, nas palavras de Massey, “o simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa.”¹⁸ Processo, curso, deriva, abertura sem teleologia.

Para Julie, parece não haver dúvidas. O mistério, a imutabilidade, o silêncio do deserto e o acolhimento das mulheres da família estendida de Abdu-Ibrahim constituem seu lugar no mundo. A mãe silenciosa do marido e as mulheres tagarelas, a quem ensina inglês e que lhe transmitem o árabe, configuram uma comunidade da qual Julie se sente parte, inicialmente como membro agregado, quase intruso, depois como integrante. Nesse sentido, evoco novamente Massey, que pondera: “o que é especial sobre o lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora (ele mesmo extraído de uma história e de uma geografia de ‘então’ e ‘lá’), e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não-humano.”¹⁹ Portanto, notamos que se estabelece um *affaire-de-corps* (no sentido de contato intersubjetivo) entre Julie e as outras mulheres e, num movimento mais introspectivo, não de todo explicado, entre Julie e o elemento inanimado, o deserto.

Apesar de sua grandeza e infinitude, o deserto expõe-se a Julie como diferença face à feiura e à pressão do mundo contemporâneo globalizado, horizonte de Abdu-Ibrahim, o subalterno que anseia por cumprir os estímulos programáticos do grande capital e suas falsas

¹⁷ Cf. HISSA. *A mobilidade das fronteiras*.

¹⁸ MASSEY. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, p. 203.

¹⁹ MASSEY. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, p. 203.

oportunidades. Apenas o que é ofertado a sujeitos como ele. E, por não haver uma dimensão política aquém, além, a despeito do estético, uma das forças mais vigorosas da narrativa de *O engate* é a relação entre a crítica ficcional dirigida aos trâmites atuais do mundo social objetivo em suas normatizações capitalistas transnacionais, transbordando do contexto da África do Sul, mas sem abandonar a proposta estética e política centrada na realidade do continente.

Esse cuidado se evidencia, sobretudo, no trabalho do narrador, pela construção antitética dos personagens e pela adequação ao uso e jogo das palavras em inglês, à criação de imagens nas cenas e à sofisticação da própria instância narradora, com alterações no foco narrativo que permitem ao leitor explorar os múltiplos sentidos do material narrado, a depender de quem possa identificar como autor desta ou daquela reflexão. O uso dos dêiticos (com destaque para *aqui* e *lá*, inclusive marcados graficamente pelo recurso ao itálico) e a repetição de determinados termos (como *deserto*, na segunda parte, para citar apenas um exemplo) agenciam sentidos em negociação pelas personagens e também atuam na construção do político no romance. No trecho citado abaixo, o foco narrativo centra-se em Abdu-Ibrahim, que define com desprezo a atitude de Julie de acompanhá-lo ao seu “lugar”:

O que faria lá? O que espera que eu faça com ela. Lá. A responsabilidade perante o pai dela, ela acha que ele não importa, mas ele é alguém nesta cidade e eu serei o maldito estrangeiro imundo que a está levando para uma faixa exaurida e depravada de terra que nem os europeus queriam mais, deram graças de se ver livres, até o petróleo está do outro lado da fronteira. Rapto; assim seria chamado em meu país. Que serventia terá ela? Para si mesma, para mim. Ela não é para mim, será que não entende isso?²⁰

Isso demonstra o pensamento pragmático e subalternizado de Abdu-Ibrahim, sua impaciência e falta de compreensão com o outro que julga superior a si. A rejeição e o ressentimento contra Julie se aquilatam na segunda parte do romance, pois ela poderia ter pedido ao pai que intercedesse por ele, mas se negara. Como sobra de um relacionamento amoroso recente entre estranhos, há apenas o sexo, esse “país” onde

²⁰ GORDIMER. *O engate*, p.107.

as personagens se refugiam das pressões do mundo objetivo e “onde” realmente se encontram e se entendem. Na a-topia do sexo, são apenas dois sujeitos, desprovidos momentaneamente das impressões identitárias; “de vida e destino”, no que concerne a Abdu-Ibrahim; “de ideias e princípios”, no caso de Julie.²¹

A esse respeito, vale a pena sublinhar as duas comunidades às quais Julie “pertence”. Inicialmente, no seu país, ela e os amigos libertários, antes inimigos do regime do *apartheid*, agora críticos do novo sistema construído na África do Sul pós-*apartheid* e das elites que tomaram o poder, constituem o que chamam de “A Mesa”. Espécie de simpósio entre amigos brancos e negros, ricos e pobres, A Mesa se reúne assiduamente no Café L.A. (ou El-Lei, como na tradução utilizada aqui como referência) para debater assuntos prementes que vão desde a vida pessoal deles mesmos até a política nacional e a xenofobia numa espécie de ambiente a-tópico e anacrônico.

Embora tratada com muita ironia pelo narrador, A Mesa funciona como a grande heterotopia da primeira parte do romance, substituída, depois, no país sem nome de Abdu-Ibrahim, pela reunião do grupo de mulheres da família dele e das vizinhas que acolhem e são acolhidas por Julie numa fraternidade que cresce com o tempo e lhes parece orgânica. Ambos os “lugares” funcionam para Julie como heterotopias de compensação,²² pois seu arranjo consiste na resistência à desordem do mundo “exterior”. No primeiro caso, A Mesa contrapõe-se à política do país, ainda que seja um falar sem agir; no segundo, à homogeneização dos imperativos globalizadores e também a todas as regras fechadas do próprio lugar a regularem as relações humanas. Não são lugares de pertencimento forçados pelas “ficções” da “natividade do nascimento”,²³ são lugares aos quais os sujeitos escolhem pertencer pelo afeto, pela solidariedade, por laços não naturais. E também são os lugares da crítica de Gordimer aos discursos celebratórios da globalização como triunfo dos valores do capitalismo.

O engate estabelece espacialidades configuradas como alhures, lugares outros que se relacionam com as topias fundamentais. Um “lá” desejável ou indesejável. No romance de Gordimer, o deserto delinea-se

²¹ BAUMAN. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi, p. 17.

²² Cf. FOUCAULT. *Outros espaços*.

²³ BAUMAN. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi, p. 27.

como o outro em relação ao espaço paradigmático imposto como modelo para as sociedades globalizadas. E não do modo mais conservador ou previsível, como se poderia supor, mas como lugar heterotópico *tout court*, devir entrópico de possibilidades ilimitadas, vislumbre alusivo a um porvir totalmente aberto, indefinido.

Importante apontar que, em *O engate*, não há apelo à ideia de considerar o país sem nome de Abdu-Ibrahim, da sua aldeia ou mesmo do deserto como simples alternativa escapista (utopia, no sentido mais grosseiro) ao sistema capitalista globalizador que Julie despreza e Abdu tanto almeja, como a crítica especializada já apontou.²⁴ Decisão alguma está pautada nisso: nem a de uma, nem a de outro. O deserto também não se afigura como o exótico ou mero lugar de passagem para aventuras finitas.

O deserto, para Julie, é o lugar fundamental, original, totalmente contrafeito aos imperativos do mundo e à homogeneização dos lugares e sujeitos forçados a permanecer na imobilidade. Mas não surge como a força contrária que deve substituir a ordem, não há fechamento, imposição. Na verdade, o deserto é um referente sem significante nem significado, apesar de Julie conhecer a palavra associada à coisa tanto em inglês como em árabe.

Essa paisagem abre pelo desconhecido e inorgânico, afeta a personagem, incidindo sobre ela como atrativo que não permite recusas. Não há explicações na narrativa sobre essa atração, que reside na subjetividade de Julie e com ela se encerra como força inexplicável da natureza. Não é uma opção política militante de alternativa ao mundo que se impõe. No máximo, podemos associar o deserto de *O engate* com heterotopia, pois, inegavelmente, trata-se de um espaço alternativo; mas, nesse caso, sem indicação do que poderia ser em termos das funções desses tipos de espaço tal como preconizado por Foucault.²⁵ Conforme já mencionado, há a topia paradigmática, constituída pelos espaços globais, metonimizadas pelos países para onde Abdu-Ibrahim tentara ir e para onde Julie pode viajar se e quando quiser, pois tem passe livre.

O caminho indicado pelas afecções provocadas pelo deserto em Julie não está evidenciado na narrativa. Será, talvez, a alternativa desconhecida, indescritível ainda, à ordem (im)posta. Talvez seja o único lugar onde a experiência ainda pode se concretizar no sentido

²⁴ Cf. FELDMAN. *Um longo caminho até o lar*; OGAWA. *Citizens of nowhere?*.

²⁵ Cf. FOUCAULT. *Outros espaços*.

benjaminiano da aventura humana, avesso à prescrição de um modelo de sociedade ou de um programa estético. Trata-se do porvir, portanto, do tempo indiciado por uma espacialidade nebulosa, amorfa e ilimitada do ponto de vista da semiose e da experiência.

O deserto constitui uma espacialidade topofílica²⁶ para Julie, que sente o desafio da atratividade do lugar nos seus afetos mais íntimos e ainda não de todo racionalizados. Para a personagem antitética, Abdu-Ibrahim, a mesma espacialidade que encanta Julie resume-se a poeira, a areia, constituindo uma topofobia, a causar-lhe apenas repulsa e aversão. Ainda na África do Sul, Julie pergunta a Abdu se tem fotos do seu país. Como não há fotografias, ela passa a imaginar por si, a partir das imagens estereotipadas que circulam sobre certa porção muçulmana de África. Seus pensamentos são analisados pela narração como incorretos e interrompidos pela objetividade de Abdu, que não quer falar sobre seu país. Ele não deve interessar à exploração do exótico por uma turista inconsequente, como ele crê que seja Julie, e tenta dissuadi-la da curiosidade.

Como paralelos cada vez mais dissonantes e estranhos, duas visões de mundo opostas são reiteradas ao longo de toda a narrativa. Enquanto Abdu-Ibrahim deixa-se levar pelo sentimento de subalternidade pela ideologia da mobilidade do capital, que apenas o exclui e o impele ao deslocamento,

Julie porta uma ideologia do descentramento, da mistura, da partilha ou da abertura. Na adversidade das duas ideologias que desprendem de *O engate*, a migração desempenha papel especial. Ela funciona como cena para a exposição dessas duas ideologias. Dada a especificidade da migração, é preciso considerar uma reflexão sobre o porquê desse duplo papel da migração no romance. De fato, parece que Gordimer assim procede para, de certa forma, desmontar os mecanismos do imperialismo e suas consequências, a fim de apresentar os desafios quanto a sua expulsão definitiva.²⁷

²⁶ Cf. TUAN. *Topofilia*.

²⁷ “Julie prône une idéologie du décentrement, du mélange, du partage ou de l’ouverture. Dans l’adversité des deux idéologies qui se dégagent de *The Pickup*, la migration joue un rôle particulier. Elle sert de scène d’exposition à ces deux idéologies. Compte tenu de cette spécificité de la migration, il y a lieu d’envisager une réflexion sur le pourquoi de ce double rôle de la migration dans *The Pickup*. En effet, il semble que Gordimer procède

Assim, do ponto de vista político, relativo ao posicionamento da escritora, a África do Sul desprende-se do sistema opressor do *apartheid* e entra atrasada na nova lógica imperialista. Mas, onde parece não haver saída, há esse posicionamento incerto, silencioso, assumido pela personagem Julie, enquanto Abdu-Ibrahim insiste no fechamento, na execução de um programa que está pronto de antemão para ele e todos os outros iguais a si de que o sistema poderá sempre dispor.

No romance, não há grandes trânsitos, mas um constante deslocar-se manifestado pela personagem Julie, que encarna as aberturas para as misturas, em contraposição ao apego a formas identitárias fixas, como a África é, em geral, representada pelos estereótipos ocidentais. Isso se expressa até na falta de diálogo e de entendimento entre os personagens. Creio que se trata da crítica de Gordimer a uma certa concepção sobre África criada por alguns intelectuais do pensamento social africano contemporâneo, numa vertente conhecida como pan-africanismo, à qual Achille Mbembe contrapõe a ideia de afropolitanismo, uma cultura transnacional,

[...] uma estilística e uma política, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma forma de estar no mundo que recusa, por norma, qualquer forma de identidade vitimária – o que não significa que não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infligiu a esse continente e a essa gente.²⁸

Em Gordimer, pela decisão de Julie Summers, não se estabelece uma “moral da piedade” hierárquica, mas uma espécie de entrançamento não apenas racial, humano e existencial, ao menos entre as mulheres, que permite entrever modos de ser e viver africanos comuns, diferentes do Ocidente,²⁹ racionalidades africanas.³⁰ Tudo isso apenas se entrevê, pois não está textualmente tematizado.

Deslocar-se não era para Julie necessidade, como para Abdu-Ibrahim, mas ter feito o movimento torna-se o *turning point* que gera

de cette manière pour démontrer les mécanismes de l’impérialisme et ses conséquences afin d’en suggérer les défis quant à son éviction définitive.” (LOUKSON. *Représentation et migration dans The Pickup de Nadine Gordimer*, p. 42, tradução minha).

²⁸ MBEMBE. *Sair da grande noite*, p. 186.

²⁹ Cf. MBEMBE. *Sair da grande noite*.

³⁰ Cf. HOUNTONDJI. *Conhecimento de África, conhecimento de africanos*.

conforto existencial e sentimento de pertença a uma família como a sua de sangue jamais fora. Para ela, ser estrangeira não é um problema, pois, como a mãe diz numa carta, ela sempre poderá partir. Todos leem Julie como aventureira, mas não parece ser este o caráter da personagem construído pelo narrador. Há algo mais complexo nela, uma inquietação interna, existencial, como já dito, um imperativo que lhe guia a sobrevivência psíquica e conduz seus deslocamentos, no sentido das mudanças que geram amadurecimento pessoal, o que também pode expressar uma leitura da África contemporânea.

Embora não haja síntese, pois não há mistura, não há sequer comunicação plena, a comunidade derivada do encontro, constituída pela família de Abdu-Ibrahim – pobre, muçulmana, alijada das supostas benesses do capital, que alguns críticos acusam Julie de ter conspurcado, desrespeitado –,³¹ parece mais o resultado de uma série de “devorações” de elementos subjugados em África pela colonização, o que Mbembe chama de resíduos culturais.³² Nesse sentido, há sempre um excedente cultural, histórico, que resiste, e, embora Gordimer não exponha, insinua por um vislumbre ainda muito opaco na relação entre Julie e as mulheres da família de Abdu-Ibrahim. A abertura do romance apenas alude à tensão do que não está resolvido, do que permanece turvo, como tudo neste mundo em processo de autofagocitação.

Para concluir, entendo que Gordimer pleiteia denunciar que a ordem reinante no mundo contemporâneo é cada vez mais polarizada, a despeito dos discursos celebrativos e favoráveis à falsa ideia de homogeneização e apagamento das diferenças. Em comum entre personagens e espaços tão dessemelhantes, o que resta é o imperativo da sobrevivência, física, psíquica ou ética.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

³¹ Cf. OGAWA. *Citizens of nowhere?*.

³² Cf. MBEMBE. *Sair da grande noite*.

CARBONIERI, D. *A compensação da imobilidade em Nuruddin Farah*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

FELDMAN, Alba K. T. *Um longo caminho até o lar: a representação da diáspora contemporânea e suas implicações no romance O engate*, de Nadine Gordimer. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/aktfeldman.pdf>> Acesso em: 25 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 411-422. (Coleção Ditos e Escritos III)

GOMES, Renato Cordeiro. Cosmopolitismos, nacionalismos, lugares e não-lugares na cultura contemporânea. In: MASINA, Lea; BITENCOURT, Gilda N.; SCMIDT, Rita Terezinha. (Org.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 93-113.

GORDIMER, Nadine. *O engate*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HISSA, Cássio E. V. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOUNTONDI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 119-131.

LEITE, Ana Mafalda. Cenografias pós-coloniais nas literaturas africanas. In: SILVA, Agnaldo R.; BATTISTA, Elisabeth; MAQUÊA, Vera. (Org.). *Poéticas, políticas e representações literárias*. São Paulo: Arte e Ciência, 2011. p. 59-70.

LOUKSON, Ives Sangouing. *Représentation et migration dans The Pickup de Nadine Gordimer*. 2008. 108 f. Mémoire (Maîtrise ès Lettres) – Faculté des Arts, Lettres et Sciences Humaines, Université de Yaoundé I, Yaoundé, 2008. Disponível em: <http://eprints.campusce.org/95/1/M%C3%A9moire_maîtrise_Loukson_final.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MARTINS, Anderson Bastos. O deserto e o espelho: refletindo sobre a heterotopia com Michel Foucault e Nadine Gordimer. *Revista Odisseia*, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2058>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MARTINS, Anderson Bastos. *Onde fica o meu país?: o exílio e a migração na ficção pós-apartheid de Nadine Gordimer*. 2010. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Ramada: Edições Pedagogo, 2014.

OGAWA, Renata Mayumi. *Citizens of nowhere? asymmetrical displacements in Nadine Gordimer's The Pickup*. 2010. 69 f. Dissertação (Mestrado Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93526>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PADILHA, Laura Cavalcante. Um trânsito por fronteiras. In: MASINA, Lea; BITENCOURT, Gilda N.; SCMIDT, Rita Terezinha. (Org.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 67-77.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

Recebido em: 27 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 9 de abril de 2018.